

Transportadores de Memórias de Rodrigo Bettencourt da Câmara: Cabo Verde no Vale de Chelas

'Transportadores de Memórias' of Rodrigo Bettencourt da Câmara: Cape Verde in Chelas Valley

TERESA PALMA RODRIGUES*

Artigo completo submetido a 13 de janeiro e aprovado a 24 de janeiro de 2015.

*Artista visual. Licenciatura em Artes Plásticas – Pintura pela Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes (FBAUL), Mestrado em Pintura (FBAUL), Doutoranda em Pintura (FBAUL). Membro colaborador do CIEBA.

AFILIAÇÃO: Universidade de Lisboa (UL), Faculdade de Belas-Artes (FBA), Centro de Investigação e Estudos de Belas Artes (CIEBA). Largo da Academia 2, 1249-058 Lisboa, Portugal. E-mail: teresapr@gmail.com

Resumo: O presente artigo debruça-se sobre a série *Transportadores de Memórias* de Rodrigo Bettencourt da Câmara e as temáticas que este seu trabalho convoca. Pretende-se destacar relações metafóricas e de reciprocidade no modo irónico como a herança da escravatura, a glocalização, a reterritorialização e os fluxos culturais, emergem nos nossos dias através da cana de açúcar.

Palavras chave: fotografia / fluxos culturais / glocalização.

Abstract: *This article focuses on 'Transportadores de Memórias', a photographic work of Rodrigo Bettencourt da Câmara, enhancing some of the issues presented in this work, which are related with the metaphorical and reciprocal relations of the legacy of slavery, glocalization, reterritorialization and cultural flows, showing how they ironically emerge today from sugar cane.*

Keywords: *photography / cultural flows / glocalization.*

Introdução

Por entre bairros de habitação social, aqueles que, em meados do século XX, foram denominados por Zona J e Zona M de Chelas, erguem-se os canaviais. Vêem-se da grande avenida central de Chelas e adensam-se ao fundo, onde a avenida se estreita, junto ao antigo convento de São Félix.

Ocultas por entre as canas, famílias cabo-verdianas trabalham a terra de antigas quintas em ruínas à maneira dos seus antepassados, adaptando os seus hábitos culturais ao território do Vale de Chelas e concedendo-lhe novos significados.

A partir de outras canas – as de açúcar – camufladas pelas anteriores, produz-se o *grogue*, aguardente de cana tradicional de Cabo Verde, que é distribuído pela comunidade dispersa por vários pontos do mundo.

Transportadores de Memórias é um trabalho fotográfico de Rodrigo Bettencourt da Câmara (Lisboa, 1969) sobre o cultivo da cana-de-açúcar no Vale de Chelas, realizado em 2014.

Esta série de fotografias toma de empréstimo o título de um texto escrito pelo geógrafo Jorge Gaspar (2014) que surge, a pedido do fotógrafo, como uma reflexão potenciada pelas imagens.

Não é a primeira vez que Rodrigo Bettencourt da Câmara lança um olhar atento sobre as questões dos fluxos culturais e da aculturação dos espaços, já o tinha feito no seu trabalho *Hamburgo Bar*, realizado entre 2006 e 2007, do qual duas fotografias integraram a exposição “Glocalização ou Colapso. Obras da Coleção MG, comissariada por João Fonte Santa, no Espaço Adães Bermudes, em Alvito.

Mas em *Transportadores de Memórias* a questão da glocalização torna-se ainda mais evidente, porque retrata a forma como os imigrantes cabo-verdianos adaptam os seus produtos e as suas técnicas de cultivo aos solos da cidade de Lisboa. O que o fotógrafo pretende explorar é a ironia que daí resulta, uma vez que essas técnicas e esses produtos são resultantes de séculos de escravatura e de um saber-fazer acumulado de geração em geração, onde o tempo acabou por cruzar as linhas nos mapas geográficos e no destino das culturas e das tradições.

Assim sendo, é nesta perspetiva que será analisado este trabalho, como se se puxasse por uma dessas linhas, desenrolando um novelo enleado, formado por fios condutores cheios de nós e cruzamentos.

1. Rotas: disseminação de homens e de plantas

A inusitada presença da cana-de-açúcar em diversos terrenos de Lisboa, fez com que Rodrigo Bettencourt da Câmara (filho de pai madeirense e, por via dessas raízes, habituado a distinguir uma cana doce de uma simples cana) perscrutasse o Vale de Chelas em busca de respostas (Figura 1).

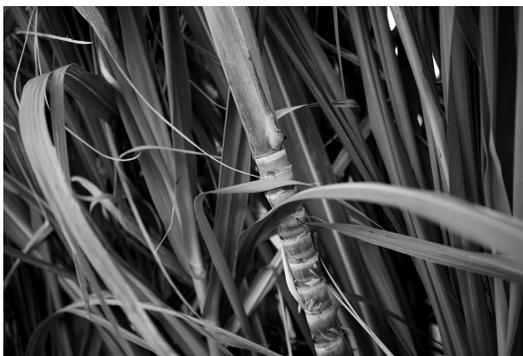


Figura 1 · Fotografia de Rodrigo Bettencourt da Câmara, da série *Transportadores de Memórias* (2014).

Figura 2 · Fotografia de Rodrigo Bettencourt da Câmara, da série *Transportadores de Memórias* (2014).

Figura 3 · Fotografia de Rodrigo Bettencourt da Câmara, da série *Transportadores de Memórias* (2014).

Como é que nesse vale, chão de antigas quintas, por entre ruínas, estradas e bairros sociais de Marvila, se cultiva a cana-de-açúcar (Figura 2) – cana essa que, a Bettencourt da Câmara, lembra, entre outras coisas, a ilha da Madeira e a sua paisagem? Como explicar que nesta área de Lisboa, onde “a urbanização gera sombras” (Gaspar, 2004), onde conventos se transformaram em quintas e quintas se transformaram em fábricas, das quais apenas restam memórias na toponímia e no património arqueológico e imaterial, cresce viçosa, a cana doce?

As respostas surgiram ao fotógrafo quando, numa manhã de sábado (e outros encontros que se seguiram), encontrou famílias cabo-verdianas em plena labuta (Figura 3).

Pensou certamente como as rotas traçadas eram bem mais complexas do que pareciam nos livros de História e que, de tanto se riscarem nos mapas em diferentes direções, acabavam por ocultar as linhas originais – a da colonização e a do “tráfico triangular” que refere Jorge Gaspar (2014).

A diáspora africana tem tido várias fases e inúmeras causas, desde a escravatura, à emigração. Mas este ponto onde nos encontramos faz lembrar o comentário de Édouard Glissant: “C’est Christophe Colomb qui est partit et c’est moi qui suis revenu” (Glissant apud Diawara, 2009). Isto é, a partida dos descobridores reenviou à Europa, séculos depois, os descendentes dos antigos escravos, agora homens livres; à procura de uma vida melhor, sim, mas com um incremento: a sua “multiplicidade”, a sua crioula cultura e o seu saber-fazer.

A propósito dos fluxos migratórios que a cana-de-açúcar gerou, Alberto Vieira lembra que:

A cana de açúcar poderá ser considerada como a cultura agrícola mais importante da História da Humanidade, pois provocou o maior fenómeno em termos de mobilidade humana, económica, comercial e ecológica. A sua afirmação como cultura agrícola é milenar e abrange vários quadrantes do planeta. É de todas as plantas domesticadas pelo Homem aquela que acarreta maiores exigências. Ela quase que escraviza o homem, esgota o solo, devora a floresta e dessedenta os cursos de água. A sua exploração intensiva desde o século XV gerou grandes exigências em termos de mão-de-obra, sendo responsável pela maior fenómeno migratório à escala mundial que teve por palco o Atlântico: a escravatura de milhões de africanos. Ligado a tudo isso está também um conjunto variado de manifestações culturais que vão desde a literatura à música e à dança. (Vieira, 1996b)

Este mesmo autor salienta também a importância da Madeira no despoletar de todo o fenómeno da diáspora da cana sacarina, “por ter sido a primeira área do espaço atlântico a receber a nova cultura” (Vieira, 1996a: 93) vinda de Oriente, mandada trazer da Sicília pelo Infante D. Henrique, por volta do ano de 1425 (IVBAM, s. d.).

As plantas foram sujeitas a um processo de “aclimatização” e uma parte significativa da densa floresta autóctone (a tal “madeira” que deu o nome à ilha) foi queimada para dar lugar aos canaviais (Vieira, 2004). A paisagem da ilha foi-se redesenhando, assim como a cor da sua população – aos povoadores brancos, juntaram-se os negros, quando as exigências da planta, as adversidades do terreno e a falta de mão-de-obra se tornaram evidentes. Essa foi a pedra de toque para a afirmação do tráfico negreiro madeirense, estabelecendo rotas de navegação entre as Canárias, Marrocos, Angola, Cabo Verde, São Tomé, Guiné, Lanzarote, Fuerteventura... (Vieira, 1996).

2. A glocalização e o Vale de Chelas

Quantas entradas para o mundo a partir de tantas marginalidades contidas nas encostas deste vale!... (Gaspar, 2014).

Oriundo do Japão dos anos 80, o termo glocalização ganhou expressão no Ocidente com Roland Robertson (1995), estendendo-se assim a ideia de globalização a um conceito multidimensional, feito a partir de envios e reenvios, num malabarismo de trocas: do global para o local e vice-versa.

Como aponta Habibul Haque Khondker (2004: 6), a glocalização envolve a mistura, ou a articulação de dois ou mais processos, na qual um deles deve ser local.

A aclimação da planta da cana-de-açúcar vinda do Mediterrâneo ao solo madeirense, que exigiu procedimentos e desenvolvimentos técnicos apropriados (dos quais o engenho de água é exemplo), bem como a adaptação dos escravos ao novo território, trazendo consigo usos e costumes que ainda hoje ecoam na alimentação e em certos ritmos e danças do folclore madeirense (Vieira, 1996), são uma manifestação de interação entre o global e o local e o reflexo de toda uma estratégia de desenvolvimento a que se pode chamar glocalização.

Foi da Madeira que as canas partiram em direção ao Brasil, dando início ao Ciclo do Açúcar, o valioso “ouro branco”, usado para fins medicinais e gastronómicos no Velho Mundo.

Inúmeras voltas ter-se-ão dado neste ciclo, para que de Cabo Verde tenham partido as canas que estes imigrantes africanos cultivam hoje no Vale de Chelas e para que delas se extraia o *grogue*, distribuído pela comunidade cabo-verdiana em garrafas reutilizadas – como a de cerveja portuguesa que se vê na fotografia que a Figura 4 apresenta: uma natureza morta com um punhado de feijões cabo-verdianos mesclados; a imagem de Nossa Senhora de Fátima; uma velha embalagem de detergente com cerca de um terço do seu interior preenchido



Figura 4 · Fotografia de Rodrigo Bettencourt da Câmara, da série *Transportadores de Memórias*, (2014).

Figura 5 · Fotografia de Rodrigo Bettencourt da Câmara, da série *Transportadores de Memórias*, (2014).

com água e outros elementos que lembram a miscigenação de povos e a mistura de sangues, crenças e tradições que nas margens do Atlântico se cruzaram.

Muitas são as evidências, nestas imagens, do processo de deslocalização e reterritorialização destas famílias cabo-verdianas. As fotografias de Bettencourt da Câmara têm por objetivo reconstituir os factos, repensando as origens e refletindo no contínuo processo de globalização que os Descobrimentos geraram e de que estes produtos “glocais”, a cana-de-açúcar e o *grogue*, são o eco e a memória.

Os agricultores cabo-verdianos trabalham em Chelas como o fariam no seu local de origem, porém, ajustando o seu ancestral conhecimento e domínio das técnicas de cultivo às particularidades do terreno. Não sendo um produto autóctone, a cana-de-açúcar cabo-verdiana adaptou-se ao solo do Vale de Chelas (Figura 5), tendo estes homens e mulheres aprendido a laborá-lo de acordo com as suas características e potencialidades.

No entender de António Covas, os produtos “glocais” contam a história do lugar, por serem “geradores de capital social”, “produtos com identidade” e “veículos de comunicação simbólica com o exterior da região” (Covas, 2009: 10). Assim, estas imagens contam também outras histórias, as da miscigenação do território de Chelas.

Os cabo-verdianos e outros africanos (agora marvilenses), vieram das ex-colónias para Portugal, na sua maior parte, no final dos anos 70, princípio dos anos 80. Muitos, habituados ao campo, viveram inicialmente nos bairros de lata que existiam pela cidade, tendo sido depois realojados em prédios de habitação social no bairros de Marvila. Foi o caso destas pessoas, cujos filhos, alguns já nascidos em Portugal, se viram obrigados a emigrar para a Suíça, ou para o Luxemburgo. É lá que chegam algumas destas garrafas de *grogue* e melaço.

Conclusão

Transportados pelos oceanos, sobretudo no Atlântico, num vai e vem entrecruzado no tempo e no espaço, viajaram: a cana-de-açúcar, o açúcar, os escravos, mas também uma cultura profundamente enraizada e um saber-fazer, cuja origem se esbate, se dissolve e se reinventa.

Pretendeu-se assim demonstrar de que forma sementes do Passado crescem nos nossos dias em Lisboa, pela mão de cabo-verdianos, estabelecendo relações históricas, geográficas, e culturais interessantes de refletir no campo da arte e que este projeto fotográfico vem evidenciar.

As memórias de Rodrigo Bettencourt da Câmara dos canaviais e da aguardente de cana da ilha da Madeira, cruzam-se com as memórias trazidas pelos agricultores cabo-verdianos da sua terra natal; interseitam-se e confrontam-se, harmonizam e convivem, como naquele fim de tarde soalheiro em que se sentaram à mesa e beberam juntos um copo de *grogue*.

Referências

- Covas, António (2009) "Glocalização, Reterritorialização e Transformação da Paisagem Agro-Rural: algumas Reflexões a Propósito", *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*, N° 20, 7-11.
- Gaspar, Jorge (2014) *Os transportadores de memórias*. Catálogo.
- Diawara, Manthia (2009) *Edouard Glissant: One World in Relation* – Trailer – TWN [Consult. 2015-01-12] Filme. Disponível em <URL: www.youtube.com/watch?v=hBfSKmo0mPQ
- IVBAM (s. d.) *Cana-de-Açúcar*. [Consult. 2015-01-12]. Disponível em <URL: www.ivbam.gov-madeira.pt/cana-de-acucar-1316.aspx
- Khondker, Habibul Haque (2004) *Glocalization as Globalization: Evolution of a Sociological Concept*. *Bangladesh e-Journal of Sociology*, Vol. 1, No. 2. July. [Consult. 2015-01-12]. Disponível em <URL: www.mukto-mona.com/Articles/habibul_haque/Globalization.pdf
- Robertson, Roland (1995) "Glocalization: Time-Space and Homogeneity- Heterogeneity", in Mike Featherstone, Scott Lash, and Roland Roberston (eds.) *Global Modernities*, London: Sage, pp. 25-44.
- Vieira, Alberto (2004) *As Ilhas, a Cana de Açúcar e a História do Meio Ambiente*. Centro de Estudos de História do Atlântico: Funchal. [Consult. 2014-01-12]. Disponível em <URL: www.madeira-edu.pt/Portals/31/CEHA/bdigital/hsugar-sugambiente.pdf
- Vieira, Alberto (1996a) "Escravos com e sem Açúcar na Madeira", *Actas do Seminário Internacional Escravos com e sem Açúcar*, Centro de Estudos de História do Atlântico, Secretaria Regional do Turismo e Cultura: Funchal, 93-102.
- Vieira, Alberto (1996b) *Na Madeira Escravos com ou sem Açúcar*. Centro de Estudos de História do Atlântico: Funchal. [Consult. 2014-01-12]. Disponível em <URL: www.madeira-edu.pt/Portals/31/CEHA/bdigital/hm-esc-4-canas.pdf